

Britânicos aprovam referendo das Ilhas Malvinas

Marcelo Ribeiro



Após a descoberta de petróleo nas Malvinas, a disputa deixou de ser apenas simbólica e passou a ter fatores econômicos relevantes

Especialistas apontam que após a descoberta de petróleo na região a disputa deixou de ser apenas simbólica e passou a ter fatores econômicos relevantes.

Há menos de um mês do referendo no qual os habitantes das Ilhas Malvinas decidirão sobre o seu status político, o arquipélago tem ganhado destaque no panorama internacional.

Em 11 e 12 de março, os cidadãos responderão se pretendem manter a soberania do Reino Unido sobre a região. Esse panorama é questionado pelos argentinos desde 1833.

Caso a maior parte da população de aproximadamente 3.000 habitantes responda que não defende que o território permaneça nas mãos dos britânicos, será realizado novo referendo com uma nova questão, provavelmente relacionada ao país governado por Cristina Kirchner.

De acordo com Giorgio Romano Schutte, coordenador de relações internacionais da Universidade Federal do ABC (UFABC), o resultado deve demonstrar de maneira democrática e incontestável a preferência dos malvinenses.

"A realização do referendo tem o apoio do governo britânico, que rejeita qualquer negociação com os argentinos sobre as Malvinas, a menos que a população requeira isso. Como os britânicos estão envolvidos no processo, acredito que é mais possível que os malvinenses sejam favoráveis a eles", palpita.

No mesmo sentido, Mario Gaspar Sacchi, professor de relações internacionais da ESPM, avalia que a questão já está definida e que os malvinenses devem responder positivamente à pergunta sobre permanecer sob o controle dos britânicos.

Na semana passada, Antonio Patriota, ministro das Relações Exteriores do Brasil, se encontrou com William Hague, ministro homólogo do Reino Unido, e reforçou que tanto Brasil quanto Mercosul apoiam a Argentina e pediu o diálogo pacífico entre os dois países.

Schutte, da UFABC, indica que essa postura não surpreende, já que esse posicionamento brasileiro é histórico e imutável. "A posição do Brasil é histórica, é assim desde o século XIX. É um dos posicionamentos mais antigos do governo brasileiro, que sempre foi praticamente intocável, seja em governo republicano ou ditatorial".

Após a descoberta de petróleo nas Malvinas, a disputa deixou de ser apenas simbólica e passou a ter fatores econômicos relevantes, que acirraram o interesse pela supremacia na região.

"A questão agora é o petróleo. Com isso, a região se torna muito mais importante para os dois países e é bem menos provável que encontrem uma solução rápida. Nem mesmo o referendo será determinante e concluirá o embate", avalia Schutte. "Para o Brasil, é interessante que esse petróleo fique sob o poder de seus parceiros comerciais", completa Sacchi.

Em posição desconfortável, o governo argentino, por meio de ministro de Relações Exteriores, Héctor Timerman, tentou intervir no panorama e reverter o atual quadro do referendo.

"Essa foi a última manobra dos argentinos para que os grandes industriais britânicos solicitassem que os governantes do país considerassem negociar a supremacia com a Argentina. Foi uma tentativa falida, já que apenas 18 dos 55 reunidos ponderaram contra a votação", conclui Sacchi.

Fonte: Brasil Econômico. [Portal]. Disponível em:
<http://www.brasileconomico.ig.com.br/noticias/britanicos-aprovam-referendo-das-ilhas-malvinas_128515.html>. Acesso em: 15 fev. 2013.